

Inclusão digital nos EUA

Em nosso imaginário, está claro que o cidadão da era da globalização e da tecnologia sabe acessar a internet e que, além disso, o faz rotineiramente. Fiquei muito surpresa ao ler em um jornal para brasileiros, publicado em Orlando, nos EUA, que mais de 33% das famílias norte-americanas não estão conectadas à internet, sendo a maior parte de baixa renda. Pensava que tal realidade existisse apenas nos países considerados menos avançados tecnologicamente.

Pensando em dar acesso à internet a essas famílias, desde suas casas, a empresa Comcast está oferecendo, junto com alguns distritos educacionais, um novo programa, chamado Internet Essentials (Fundamentos da Internet), com o objetivo de oferecer aos indivíduos conexão com banda larga. O programa é divulgado em inglês e em espanhol. De acordo com especialistas, os cidadãos não acessam a internet por diversas razões, e esse projeto se propõe a minimizar algumas dessas barreiras. Constatada a realidade, apresenta-se à empresa o desafio de selecionar as famílias que participarão do projeto. O critério adotado foi identificar as crianças que recebem almoço gratuito pelo National School Lunch Program (NSLP). Essas crianças terão acesso a baixos custos à rede, cupom para comprar computador também a baixos custos e treinamento de alfabetização digital impresso, online e presencial, desde que se inscrevam no projeto.

Mesmo sabendo que a educação nos Estados Unidos é descentralizada, esse projeto é nacional e abrangerá mais de 4 mil distritos escolares. O objetivo é ajudar a nivelar o conhecimento de famílias de baixa renda, possibilitando que os alunos se conectem aos seus professores e aos recursos educacionais da escola. Como o projeto é voltado para as famílias como um todo, visa também a habilitar os pais dos alunos a empregos online, bem como a acessar informações sobre serviços governamentais e de saúde.

Percebemos, com esse projeto, que iniciativas educativas relacionadas à tecnologia são, na maioria das vezes, complexas, e que, embora dependam de políticas públicas, estão muitas vezes alinhadas a iniciativas de empresas. Além disso, mesmo em países desenvolvidos em termos tecnológicos, muitas crianças ainda não têm acesso aos seus recursos. Fica aqui, então, uma questão para que possamos refletir: se o desenvolvimento tecnológico é irreversível e já faz parte do cotidiano de grande parte da população mundial, o que devemos fazer, em nosso País, em termos de política educacional, para dar acesso a famílias que, por motivos socioeconômicos, não possuem e, assim, ajudar a formar cidadãos? ■



Lígia Silva Leite
Pós-doutora em Tecnologia Educacional e professora adjunta em cursos de mestrado e doutorado
ligialeite@terra.com.br